Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

A ARTICULAÇÃO DO OBJETO: COMO OBJETO DO DESEJO DO OUTRO E OBJETO CAUSA DE DESEJO

TÂNIA APARECIDA PACHIONE

Resumo: O sujeito do inconsciente é estruturado por linguagem e pelo desejo do Outro. Lacan descreve através do modelo do estádio do espelho a predominância da imagem especular na constituição do eu e a relação com o Outro. O *infans* é investido pelo desejo do Outro e colocado como objeto do desejo desse. Ao estar nesse lugar é significado pelo outro. Nas inúmeras voltas e reviravoltas da vida a pessoa pode em algum momento buscar análise, pois o sintoma claudica em responder ao outro do mesmo lugar, o que o leva a experiencia da angústia. É pelo manejo analítico diante da angústia que pode abrir a hiância entre desejo e gozo. Poder responder de outro lugar se implicando no seu desejo, diz do sujeito ser causado pelo objeto de desejo, não mais respondendo ao desejo do Outro.

Palavras-chave: estádio espelho, imagem, angústia, objeto a.

São Paulo
2025

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

THE ARTICULATION OF THE OBJECT: AS THE OBJECT OF THE OTHER'S DESIRE AND THE OBJECT CAUSE OF DESIRE

TÂNIA APARECIDA PACHIONE

Abstract: The subject of the unconscious is structured by language and the desire of the Other. Lacan describes, through the mirror stage model, the predominance of the mirror image in the constitution of the self and its relationship with the Other. The infant is invested with the Other's desire and placed as the object of that desire. By being in this place, it is signified by the other. In the countless twists and turns of life, a person may at some point seek analysis, as the symptom fails to respond to the other from the same place, leading to the experience of anguish. It is through the analytical handling of anguish that the gap between desire and jouissance can be opened. Being able to respond from another place, implicating oneself in one's desire, speaks of the subject being caused by the object of desire, no longer responding to the desire of the Other.

Keywords: mirror stage, image, anguish, object a.

São Paulo
2025

Introdução

A retomada da leitura do Seminário 10 – A angústia, trouxeram-me questões sobre a apresentação da lição VI – O que não engana, na época fiquei presa no esquema óptico na apreensão da imagem em relação aos espelhos desenvolvido por Lacan como um dos modelos para pensar a estruturação do sujeito, o estádio do espelho, descrito a partir do Seminário 1 e do texto: *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache*.

Mauro Mende Dias relança a questão quando me inquieta sobre a possibilidade de releitura não somente pela óptica, chapada a raios e projeção de imagem como numa câmera fotográfica, mas pela dialética implicada nos registros do real, imaginário e simbólico pela psicanálise.

Lacan durante todo o Seminário 10 faz esse giro nos trazendo o estádio do espelho, o Grafo do desejo e a topologia para dizer de um objeto presente desde o início da estruturação do sujeito como objeto do desejo do outro, objeto ***a***, trazendo pela imagem especular, ***i(a)***, imagem do desejo do outro, que na fantasia dá a significação desse desejo enquanto sujeito barrado posição de desejo do outro, ***$<>a***, e na topologia pelo objeto ***a***, destacado na figura do cross-cap através do corte que demonstra a queda do objeto ***a,*** em se tratando da estrutura neurótica.

A experiencia analítica pode implicar mudança de posição do sujeito quanto objeto ***a***, enquanto constituído como objeto de desejo do outro a ser causado pelo objeto de desejo, como isso opera na análise? Qual a relação da identificação imaginária e a identificação simbólica como operadores desta mudança de posição? A angústia vivida pelo analisando é da mesma ordem da angústia experimentada pelo analista no setting?

É necessário retomar a tradução do termo "*angst*" traduzido em algumas edições como ansiedade e em outras como angústia. Ansiedade remete a antecipação em relação ao tempo, o sujeito quer antecipar os acontecimentos na tentativa de controlá-lo, enquanto o termo angústia para Freud remete a um sinal de perigo ao eu, antecipa a reação frente ao perigo, ambos afetam o corpo de diferentes formas.

Para Lacan fica a pergunta onde está a angústia, pois para alguns analistas esta é uma reação catastrófica por ser o máximo de dificuldade atingida pelo sujeito, estando para Freud na posição de embaraço como excesso de dificuldade e movimento.

Lacan define a angústia como um afeto, aquilo que não engana por não se ter dúvida quando causado por ela, pois é causada no corpo, não sendo da ordem do pensamento. A angústia é este corte que deixa aparecer o que é inesperado, não havendo representação que possa dar conta dele. É um resto que não teve uma marca portando não teve um significante/significado pelas distorções presentes na imagem especular na formação do sujeito, é o menos ***phi***, ***(-φ)***, presente na estruturação do sujeito pelo modelo do estádio do espelho. Tanto do lado da imagem real quanto da imagem virtual o que remete a castração imaginaria e a castração simbólica. Castração imaginaria porque não existe imagem da falta, no sentido da completude absoluta pela imagem em dar conta de si mesmo e castração simbólica não reconhecendo que a linguagem não é toda, não dá conta do real que nos invade. "*A angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar (...),* ***(-φ)***, *que corresponde do lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo* ***a*** *do objeto do desejo"* (LACAN. 2005. p.51)

. Freud nas primeiras elaborações salienta que o afeto está solto, livre, das representações e que são as representações, enquanto significantes, os únicos recalcados. Assim sendo deveríamos ter mais familiaridade com os afetos na clínica, pois são estes que comparecem na demanda dos analisandos.

Na releitura que faço saliento que posso derivar do esquema óptico algumas considerações valiosas em relação aos lugares depreendidos neste que só agora elaboro. Ao partir do esquema completo do estádio do espelho, *Figura 1*, vê-se a (de)composição de alguns elementos básicos. O espelho concavo é o que permite que uma imagem real, ***i(a)***, possa ser invertida dando a ilusão da imagem virtual, ***i'(a)***, posição essa descrita com a imagem especular no registro imaginário em que o *infans* se conta pela imagem que ele acredita ser. Ao olhar no espelho primeiramente vejo no espelho a minha cara, lá onde não está, depois numa distância simétrica onde me posicionei como imagem real, vou ver aparecer essa imagem real como imagem virtual. De forma simples é quando a criança no colo daquele que a sustenta, se volta

para ele, que está atras, virando a cabeça e invocando que ratifique de que aquela imagem vista no espelho é ele mesmo, imagem especular, assegurada pelo Outro na relação inaugural do sujeito com o Outro. O eu se confunde com sua imagem numa alienação primordial que organiza a forma de percepção do sujeito e a realidade passa a ter uma aparente estabilidade.

O espelho plano em sua analogia com a referência ao Grande Outro, ***A***, na referência simbólica, intervém para dar unidade ao corpo próprio do *infans*[1] podendo reconhecer esta imagem refletida no espelho e assegurar que o *infans* é ele mesmo, o si mesmo. Assim tem-se uma estrutura, intersubjetiva representada pela relação do eu ideal, com relação ao outro, ideal do eu, na dupla incidência do imaginário, pela imagem virtual constitutiva dele mesmo, ***i(a)***, e a simbólica através do Outro reconhecendo-o como sendo ele mesmo. O outro coloca em jogo a dialética do desejo em que o sujeito irá advir como sujeito do desejo do outro, através da linguagem.

Compartilho a experiencia feita a anos atras de reproduzir este esquema manualmente com os espelhos e as flores onde percebo que dependendo do ângulo em que me colocava entre o espelho e as flores reais a imagem virtual em relação ao objeto real não se produzia ou o fazia de forma distorcida com relação a sua nitidez para produzir a ilusão da realidade. Disso depreendo que dependendo da posição do olho frente ao experimento haverá uma apreensão diferente da posição do sujeito em relação a realidade, aqui o registro é da ordem do imaginário.

Esta dimensão das imagens real e virtual ficaram mais clara quando Lacan traz um outro exemplo, agora não mais um espelho e sim um vidro, onde me vejo refletida como a minha imagem e além do vidro tem-se outros objetos, a coincidência entre as imagens e o real. Assim do outro lado do vidro tenho os objetos e desse lado o objeto real, eu, portanto no computo geral tenho a ilusão de uma imagem virtual composta com os objetos, o imaginário e o real agem no mesmo nível.

O ser humano constitui-se pelos cuidados da mãe, nessa posição ambígua dela ser um outro, como semelhante e um Grande Outro, ***A***, com lugar do tesouro dos significantes no registro simbólico. Descrevo de forma análoga agora através da mãe, como esse Outro, portador de linguagem e que investe da libido o *infans* nos primeiros

[1] *Infans* termo utilizado para descrever um bebê antes da fala com idade até 18 meses.

meses de vida. Esse investimento pulsional partindo da mãe só é possível por lhe faltar algo e desconhecer, o falo, é estruturante. O *infans* entra no campo do Outro fazendo-se objeto do desejo do Outro, a mãe, pois ilusoriamente ele ocupa o lugar de objeto que falta ao Outro. A mãe interpreta através de palavras o choro do bebê como fome, sono, acalento, raiva. Ela doa a linguagem, e o campo da pulsão, erogenizando seu corpo e o *infans* incorpora a linguagem através das pulsões.

Através do circuito das pulsões a mãe ao dar de mamar olha seu bebê nos olhos e este vai retornar o olhar dando apoio e acompanha o olhar dela, através da pulsão escópica. Ao falar com seu bebê, o reconhece, lhe dá uma significação “meu bebê”, imprimindo seu desejo através de traços que irão marcá-lo. O bebê seguirá com o olhar a voz da mãe, o olhar segue a voz.

Assim o sujeito necessita que o Outro o reconheça e receba dele o reconhecimento, isto é, que lhe assegure e garanta que aquela imagem é dele mesmo, onde se reconhece como si mesmo através do outro, tornando-se cativo desse outro para dizer dele mesmo, um logro. Institui-se o que designamos como eu sendo o objeto do desejo do Outro, portanto, sou para o Outro o que ele acredita que lhe falta e não sabe, portando preencho metonimicamente este lugar como objeto ***a***, sou reconhecido apenas como objeto. O desejo do homem é o desejo do Outro.

> *“(...) o desejo é ilusório (...) porque ele se dirige sempre para outro lugar, para um resto, para um resto constituído pela relação do sujeito ao Outro e que vem se substituir aí.”* (LACAN. 2024. p.366)

Partindo destas elaborações transponho para o narcisismo com a noção: eu ideal e ideal do eu, ainda utilizando o esquema óptico, o primeiro narcisismo encontra-se do lado da imagem real, que se relaciona com a imagem corporal, um estado de completude, onipotência, dando unidade do sujeito como imagem formadora do eu, o eu ideal, pode se chamar a fonte imaginaria do simbólico. Através desta imagem virtual passo a me contar como sendo eu, na ilusão de completude, digo o que sou ao me contar quando no mundo.

O segundo narcisismo é imediatamente relacionado ao outro, o outro tem para o homem um valor cativante por antecipar a sua imagem unificante como corpo assim como a relação advinda de toda realidade com o semelhante, ideal do eu, o que

permite ao homem situar-se numa relação imaginaria e libidinal ao outro e ao mundo em geral. O sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, representando um conjunto de ideais pelos quais ele aspira, influenciados por figuras de autoridade e valores culturais em relação ao eu ideal, alienação fundamental que foi constituída pela imagem refletida de si mesmo bem com a relação com o outro, semelhante. O ideal do eu comanda o jogo das relações que se tem com os outros, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica ao mesmo tempo semelhante e diferente da libido imaginaria.

Lacan destaca que este esquema será de grande utilidade na clínica pois é a partir dele que todas as questões clínicas, concretas irão se apresentar, está é a estruturação do sujeito, onde a experiencia analítica tem sua práxis, na junção do imaginário e simbólico. Alerta que muitas vezes esquecemos e até não compreendemos a ação do imaginário e dos investimentos libidinais no manejo e o que querem no dizer.

Se o sujeito é estruturado pelo desejo do outro então não sabe nada sobre ele, referente a seu desejo, foi mediatizado pela linguagem vinda do outro, portanto terá que advir como sujeito de seu desejo através da análise. *“Trata-se, (...) da sua compleição. Ao mesmo tempo, o sujeito reintegra o seu desejo. E cada vez que um novo passo é dado na compleição dessa imagem, é na forma de uma tensão particularmente aguda que o sujeito vê o seu desejo surgir em si mesmo”* (LACAN. 2009. p.247). O movimento na análise é dinâmico e não para numa volta só, terão tantas quanto forem possíveis de voltas para que a identificação imaginária, identificação narcísica, faça emergir o desejo numa confrontação com a imagem. É um momento de pura angústia, e nada mais.

No seminário: A angústia, Lacan depreende o duplo como um ponto situado no Outro, além do espelho, tendo a pregnância de olhar o sujeito, de ser a imagem totalizante, ou seja, a identificação imaginária, dele sujeito sempre se contar por esta imagem. Diante de tantas voltas do sujeito em análise é possível em alguns momentos um estranhamento deste especular, um apagamento do si mesmo, gerando o afeto da angústia e a possibilidade de uma nova apreensão com a relação simbólica do que não pode se refletir na imagem do duplo.

A angústia é determinante para que o sujeito possa através do processo de análise experimentar e abrir uma hiância entre o gozo e o desejo. Momento delicado quanto ao manejo do analista em relação ao vivido pelo analisando, podendo fazer a diferença em ser causado pelo seu desejo, mudança de posição e uma nova fantasia, ou retornar ao ponto fixo de gozo.

Os objetos topológicos não-especularizávies, esfera, toro, cross-cap, garrafa de Klein, objetos esses que não podem refletir a própria imagem, são uma contribuição valiosa dada por Lacan, "***a**, o objeto **a**, o que falta, é não especular, ele não é apreensível na imagem"* (LACAN. 2024. p.386) é a mostração em ato do sujeito em responder de outro lugar diante do Outro, oferecendo apoio a cadeia significante, pela metáfora.

Lacan fala da angústia como falta da falta, nesse jogo de palavras com falta, reflito, se há falta é porque há ausência de objeto, não houve o comparecimento de algo onde se esperava que o tivesse, o sinal de menos ***phi, (-φ)***. A imagem não dá conta de representar a totalidade, há sempre o vazio, como do vaso, que está lá e não foi significado, causando angústia. Ao remeter a falta da falta já há algo no lugar que me surpreende, a angústia, a angústia de castração em relação com o Outro, sendo através destas voltas e compleição que posso ser causado pelo meu desejo. É na confrontação com a imagem que falta que o desejo pode advir, "*Quando essa imagem, que tinha sido descompletada, (...) quando a face imaginaria que estava não integrada, reprimida, recalcada, surge, então a angústia aparece. É o ponto fecundo"* (LACAN. 2009. p.247). É o momento em que o imaginário e o real da situação analítica se confundem e o manejo do analista vislumbra a interpretação do desejo presente e inexprimível até aquele momento para o sujeito, tendo valor decisivo na mudança de posição.

"*É disso mesmo que se trata, (...) de um declínio do imaginário do mundo, e até de uma experiência no limite da despersonalização. É então que o contingente cai – o acidental, o traumatismo, os obstáculos da história – E é o ser que vem então a se constituir."* (LACAN. 2009. p.302)

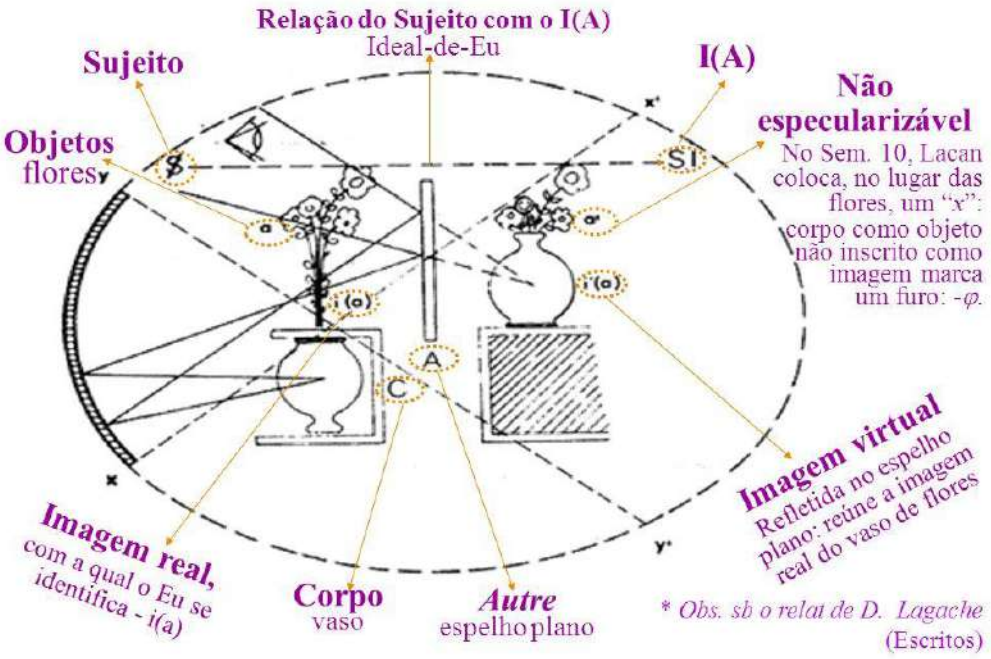


Figura 1 – Observações sobre o relatório de Daniel Lagache (LACAN. 1998. p.681)[2]

Conclusão

O sujeito sendo constituído pelo desejo do Outro e depreendido pelo modelo do estádio do espelho de Lacan diante da imagem ilusória como constitutivo da imagem do corpo e de si mesmo. Destaca como primícia a importância desta face para que o *infans* possa advir como humano diante da dependência deste corpo com necessidades para sobreviver.

A função materna se fez antes do nascimento através do desejo do outro em preencher uma falta inconsciente, o falo imaginário, ao qual a mãe investe com seu desejo em nomear e criar seu bebê. Este ao ser reconhecido e nomeado se faz objeto de desejo do outro, alienando-se nesse desejo, apenas como objeto. Ele se significa sendo este objeto como suporte do desejo, na fantasia. Com o crescimento e as interações com o mundo passa a ter resposta que se diferenciam do esperado pela

[2] As observações externas da figura foram elaboradas através do texto e acrescentada à figura retirada do site: https://fdp.aau.edu.et/ipa/em-que-ano-o-espelho-foi-criado.html.

mãe, na estrutura neurótica. O sujeito se separa do outro podendo responder através do seu desejo, em alguns momentos.

Com o advento do Édipo, através da inclusão de um terceiro na relação, o nome do pai, o sujeito tem a possibilidade de buscar diferentes objetos para desejar, que não seja sempre se contanto como o eu ideal, como a única forma de dizer de si, de forma narcísica. Sem deixar de fazer um balizamento com o ideal do eu onde os ideais passam a ser implacáveis com as escolhas diante de outros e do mundo, sem dialetização.

No decorrer da vida algumas pessoas se inquietam ou sintomatizam suas escolhas e podem buscar dentre tantos tipos de abordagem, a psicanálise. No decorrer do processo de análise pode advir a possibilidade do abalo da imagem especular, sentido como angústia, abrindo espaço para que o sujeito possa mudar de posição subjetiva, o que se dá a posteriori por ter recursos simbólicos.

Leva-se anos e não é fácil poder dizer de si mesmo sem as inúmeras máscaras que faço para responder ao desejo do outro, seja na estrutura histeria ou obsessiva, há riscos e um preço a se pagar. Aqui entra as diferentes formas de responder a angústia do lado do analisando e do lado do analista, pois são posições diferentes para cada um deles. A angústia vivida pelo analisando é apreendida no corpo e pode ser sustentada para que ocorra a mudança de posição e a angústia por parte do analista é uma angústia que responde a nós, no manejo, o quanto o seu analisando pode suportar ou não a interpretação, o silencio, quanto do aparecimento da angústia no processo da análise.

Deixar de responder gerido pela falta constituinte do falo, agora não mais como imaginário para abrir a possibilidade da relação com o simbólico requer um processo de muitas associações, elaborações e implicações afetivas que passam necessariamente pela angústia. A angústia é a hiância entre o desejo e o gozo, gozo esse que me fixa no imaginário. Diante desta tenho a possibilidade de investir no meu desejo, ou seja, posso ser causado pelo objeto ***a***, e responder de outro lugar diante do Outro, que não é pela imagem e sim pelo simbólico, o objeto ***a*** é a causa de desejo, promovido a partir do estranhamento que a angústia produziu.

> *“Mas é então, pelo conhecimento, pelo reconhecimento do ponto fixo, do objeto causa de meu desejo, que sou capaz de ascender à sua relativização (...) esse tipo de disponibilidade (...), mas esse tipo de fluidez que me coloco no movimento próprio da linguagem (...) nunca nos banhamos na mesma água, nem no mesmo rio, enquanto que, graças, por assim dizer, à nossa neurose, ou graças à fantasia, apodrecemos sempre na mesma poça!.*” (MELMAN. 2008. p.292).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Inibição, sintoma e ansiedade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **Escritos: Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade***.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**, 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____, Jacques. **O Seminário, livro 10: A angústia***.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, Jacques. **O Seminário, livro 10: A angústia***.* Recife: CEF Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2024.

MELMAN, Charles. **A prática psicanalítica hoje: O sintoma e o fim do tratamento**. Rio de Janeiro: Ed Tempo Freudiano, 2008.

Estádio do Espelho. Disponível em: https://fdp.aau.edu.et/ipa/em-que-ano-o-espelho-foi-criado.html. Acessado em: 30 ago. 2025.